



José M. D. Poças

Médico

## *In Memoriam* de um saudoso Prémio Nobel Português: Os ensinamentos da arte de bem viajar I

“... a felicidade tem muitos tons... viajar é, provavelmente, um deles ...” (sic.)  
(in “Viagem a Portugal”, José Saramago, 1981)

### I)- Introdução

“... de qualquer palavra profunda todos os homens são discípulos ...” (sic.) (Victor Hugo, 1802 – 1885)

Com a minha avó materna, aprendi o que é a verdadeira e genuína sabedoria popular, pois ainda hoje recordo, com muita saudade, as inúmeras conversas nas quais a escutava declamar em catadupa dezenas e dezenas de aforismos, não raramente em verso, infelizmente nunca gravados para a posteridade, a propósito de todo e qualquer assunto relevante, que a sua prodigiosa memória guardou até à data da sua morte, quase aos noventa anos de idade. Com o meu pai, fui indelevelmente marcado pelo seu imenso legado de valores, qual mais do que preciosa herança, bem como pelo gosto pela política, apesar do seu desaparecimento demasiado precoce, pouco para além do meio século de existência. Nunca mais poderei esquecer aquele abraço muito especial em que me transmitiu

um sentimento de profunda ternura e admiração, tal como plasmei na lápide que cobre a sua sepultura. Com a minha sogra, a melhor pessoa com quem jamais privei, cuja vida foi inteiramente dedicada à família, tive a possibilidade de interiorizar a consciência que a morte pode ser a mais digna e derradeira fase de uma viagem por este mundo fora. Aos meus filhos e ao meu netinho Simão, companheiros de uma aventura voltada para um futuro desconhecido, continuadores de um legado sem preço, que aqui se pretende expressar sem subterfúgios.

### II)- Uma mera questão de liberdade

“... se não tens liberdade interior, que outra liberdade esperas ter?” (sic.) (Arturo Graf, 1848 – 1913)

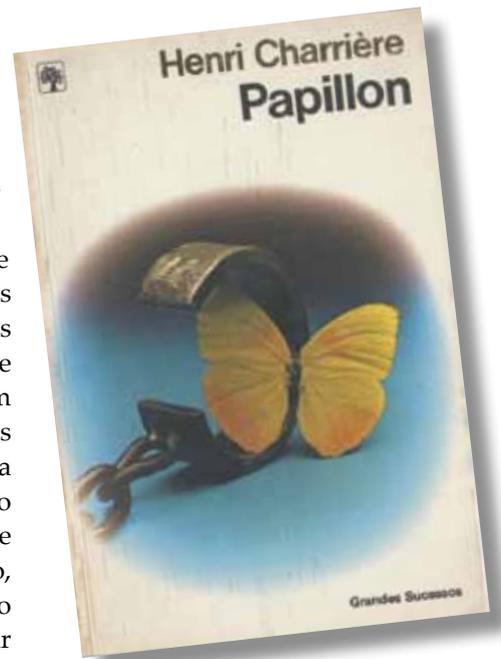
Os artigos que escrevo com alguma frequência na revista da OM são, como já uma vez o afirmei, fruto de uma pulsão irreprimível de exprimir em voz alta o que me vai no coração e na

Dedicado:

à Lucinda, pela imensa sabedoria inata, ao Manuel, pelo precioso legado de valores, à Maria do Carmo, companheira da mais insólita e inolvidável das viagens, à Joana, ao João e ao Simão, por estarem investidos na qualidade de veículos privilegiados desta mensagem.

alma acerca dos problemas da minha (nossa) vida profissional, servindo-me não raramente como mote, de histórias clínicas verídicas que fazem parte do já longo espólio da minha memória. Desta vez, a mais que precária situação política do país, muito para além da área mais estrita da saúde, motivou-me uma reflexão de índole necessariamente mais abrangente, na qual, de novo, contarei algumas das histórias (de outra índole) que tive a oportunidade de vivenciar no decurso de muitas e saborosas viagens por inúmeros destinos diferentes. Viagens, em que contei, por vezes, com a companhia dos meus dois filhos, a quem sempre tentei inculcar, desde tenra idade, o gosto, a curiosidade, e o necessário respeito pelo conhecimento de outros povos e culturas diferentes da nossa, na convicção inabalável de que isso seria fundamental para a sua formação cívica, ao ponto de as considerar mesmo, tão ou mais importantes, quanto a escolaridade obrigatória. Escusado será dizer que, para um casal (a Ana, minha esposa, é também médica) que vive quase exclusivamente do seu ordenado (a grande maioria do tempo sem qualquer atividade profissional que não apenas no serviço público estatal), isso implicou uma gestão criteriosa de prioridades no que concerne à aplicação dos proventos económicos, em que os valores da cultura e da cidadania sempre se sobrepuseram aos da ostentação absurda e desnecessária de outros sinais exteriores de riqueza, infelizmente, muito mais corriqueiros (casas, carros, indumentária, etc.) que, a terem existido, negariam na sua essência a defesa coerente desta filosofia de vida, comportando ainda o

risco adicional de poderem vir a hipotecar de futuro, irresponsavelmente, a saúde financeira do agregado familiar. No fundo, uma atitude que fica exatamente nas antípodas da que os nossos Governantes tomaram nas últimas décadas, e que, indiretamente, estimularam a que muitos outros concidadãos fizessem, quer pela ausência da mais básica preparação educacional, quer por puro e inconsequente aventureirismo, quer ainda, pelo fascínio irreprimível do despoletar súbito, num primeiro tempo, da dita sociedade de consumo, e posteriormente, da sociedade da informação virtual, onde os verdadeiros e perenes valores civilizacionais foram vilmente secundarizados perante a mediatização inebriante do fugaz supérfluo. Viajar é, assim, como o afirmou o nosso Prémio Nobel da Literatura, a quem aqui presto a minha sincera e sentida homenagem, não só, um meio sublime de nos conhecermos melhor a nós mesmos, mas também, o exemplo personificado da capacidade individual de usufruto do grau supremo da liberdade, ao ponto de, no limite, como o provou Henri Charrière

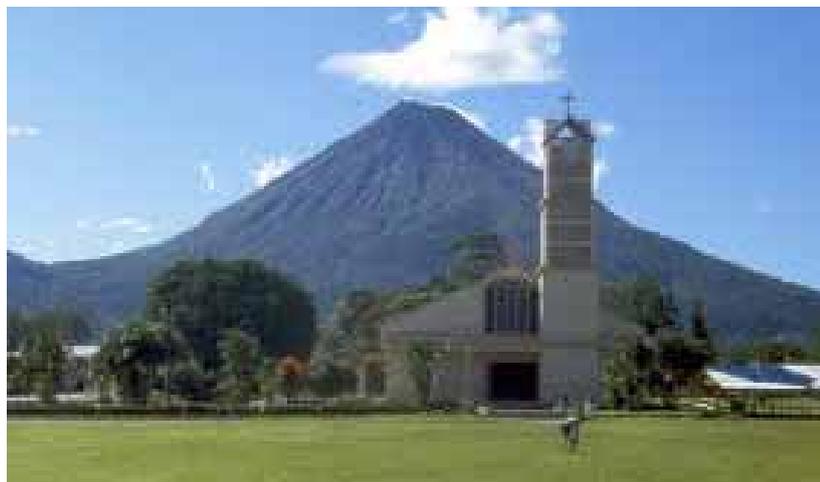


no famoso livro de caráter autobiográfico intitulado “*Papillon*” (1969) (posteriormente adaptado com muito êxito ao cinema por Franklin Schaffner em 1973), ser passível de ser concretizada apenas com a força da mente e da imaginação, ainda que no mais desumano e longínquo dos degredos.

### III)- A crise (anunciada!?)

**“... de qualquer tipo que seja a pobreza, ela não é a causa da imoralidade, mas o efeito ...” (sic.) (Thomas Carlyle, 1795 – 1881)**

No intuito de comemorar a preceito os nossos 50 anos (entre a minha idade e a da Ana existem cerca de quatro meses de diferença), decidimos que,



logo após uma festa memorável na qual reunimos a família e alguns amigos de infância, realizada, como apreciamos, no recato doméstico, partir para uma viagem de três semanas sem destino marcado através de um país da América Central que possuía algumas características que sempre nos tinham atraído, designadamente: Ser o único do mundo oficialmente sem exército, ter uma das maiores biodiversidades do planeta, ser bastante seguro para os turistas, e ter um apoio de infraestruturas muito desenvolvido. Alugámos um jipe, e após dois dias num hotel de traça colonial na interessante capital da Costa Rica (S. José), lá partimos à aventura. Calcorreámos praias, montanhas, vales, lagos e vulcões ao sabor do improviso ditado pelo momento, embora com a preciosa ajuda de um daqueles úteis roteiros que acompanham frequentemente este tipo de viajantes, até que, ao abandonar, sem sequer pernoitar, o mais famoso dos “resorts” de praia do país (verdadeiro ícone do vulgarizado conceito de viagem de pacotilha que sempre abominámos), fomos parar, ao final de uma tarde de chuva tropical, a um pequeno e charmoso hotel, situado em cima de uma falésia com praia privativa de rocha. Lá, a pretexto de uma consulta médica (gratuita) de ocasião a um casal de judeus americanos clientes habituais que ainda hoje não sabemos ao certo como nos supuseram médicos, por causa de um problema clínico corriqueiro, e com quem viemos a estabelecer posteriormente laços de alguma amizade, no decorrer de um agradável jantar em que saboreámos um excelente vinho espanhol (os portugueses,

lamentavelmente, ainda lá não tinham chegado...), entre outros temas curiosos de conversa, lá ficámos a saber a verdadeira história da origem daquele hotel. O dono, um alemão de quem já não me recordo o nome concreto, e com quem estive quase a embarcar numa pescaria de alto mar no seu iate privativo, como algumas vezes tinha feito com o meu pai (gorada à última da hora, por falta de outros intrépidos companheiros disponíveis), tinha aproveitado precisamente a comemoração dos seus 50 anos (cerca de meia dúzia de anos antes), não para fazer uma festa, como é tão usual (e como nós tínhamos organizado havia quase duas semanas), mas para fazer um balanço da sua própria vida. Era um gestor empresarial de assinalável êxito, remunerado a preceito, mas a sua vida, naquilo que ela tem de mais importante para qualquer ser humano verdadeiramente digno desse epíteto, tinha cada vez menos sentido para ele. Faltava-lhe precisamente o contraponto da rigidez espartana dos hábitos quotidianos na vida sensaborona do seu rotineiro dia-a-dia, da obsessão esmagadora pelas metas quantitativas de produção impostas pelas frias leis do mercado, da impessoalidade das relações humanas do mundo circundante, em que os quase sempre estéreis temas profissionais ocupam a quase totalidade do motivo de conversa, da voracidade com que o tempo passava sem sequer conseguir aquecer uma ponta que fosse da sua alma ou do seu coração. Enfim, não sem alguma hesitação, lá declarou solenemente que tinha tomado uma decisão radical e inabalável que deixou a família, os amigos, os vizinhos, os colegas de trabalho



e os padrões completamente atónitos: Não queria mais usufruir das “vantagens do progresso citadino de um país do primeiro mundo”, dado que sentia convictamente que não se conseguia ver de todo a continuar mais tempo com naquele tipo intolerável de vida. Em função disso, a melhor solução encontrada seria seguramente partir em busca de alguma paz interior de espírito, e poder, finalmente, saborear a vida na sua plenitude, como ele mesmo a entendia. E que iria com quem o quisesse acompanhar, mas acabando, finalmente, por partir tão solitário quanto determinado...



Volvidos meia dúzia de meses, decidimos visitar a nossa “filha americana”, a residir, nessa altura, na cidade de S. António no Texas. A Eileen, era uma simpática adolescente americana, filha de uma ancestralidade de emigrantes da Rússia, fixados na terra do Tio Sam há já três gerações. Tinha estado na nossa casa durante um ano letivo, dois anos antes, ao abrigo de um programa internacional patrocinado por duas organizações juvenis (“*Entreculturas*” e “*Cetusa*”), a pretexto de querer conhecer um país, um povo e uma cultura supostamente bastante diferentes do que os seus colegas tinham procurado (Espanha, Itália,

França, Grécia, etc.). Tinha sido também através deste mesmo programa de intercâmbio que os nossos dois filhos passaram um ano letivo nos EUA, em casa de um casal a quem denominam carinhosamente de “os seus pais americanos”.

À ida, pernoitámos uma noite numa pequena cidade do estado de New Jersey, de visita aos nossos amigos Cohen que tínhamos conhecido havia pouco tempo, o que deu para outro memorável jantar (onde foi possível, finalmente, beber um genuíno vinho português que estava acondicionado a preceito numa cave feita com todo o esmero e competência por um

operário luso empregado dos nossos anfitriões). A interessante conversa versou sobre diversos assuntos, mas acabou por tocar novamente na insólita história do alemão dono do hotel na Costa Rica, e da sua “estranha” opção de vida...

O pai da Eileen, Shawn Daly, é um muito comunicativo economista de mérito, nessa época professor de “*marketing*” na Universidade do Texas, para onde se tinha transferido de uma Universidade do estado de Ohio cerca de dois anos antes. Já tinha estado previamente na nossa casa, durante cerca de uma semana, de visita à sua filhota, e voltou com a sua família toda, dois anos mais

tarde, para um período de duas semanas de férias.

Numa certa noite, depois de um jantar em família, fomos visitar os jardins do “*campus universitário*” ao abrigo de uma agradável temperatura outonal. Durante a curiosa conversa que tivemos, na qual me deu então uma noção mais aprofundada da índole da sua atividade universitária, acabou por me fornecer ainda alguns conselhos acerca da nossa pretensão em fazer umas compras no dia seguinte num daqueles gigantescos “*outlets*” que existem nos subúrbios citadinos por todo o país, bem como sobre a viagem que iríamos fazer. Volvidas vinte e quatro horas, iríamos de facto estar já a caminho da “capital mundial do Jazz” (*New Orleans*), onde tínhamos intenção de permanecer uma semana.

Disse-nos que o dia escolhido para as nossas compras era o ideal, uma vez que no dia a seguir, comemorava-se um feriado nacional normalmente dedicado por todos os cidadãos americanos à realização das suas compras principais de cada ano, hábito que se estende a todos os estados dos EUA, e, por consequência, os clientes ir-se-iam amontoar aos milhares, em filas intermináveis, à porta de todo o tipo de lojas possíveis de imaginar, logo desde madrugada. Tentou fazer-me entender a importância para a economia (nacional e, mesmo, mundial) desse imenso movimento de capitais, e que os especialistas estavam particularmente expectantes nesse ano, uma vez que o consideravam um verdadeiro barómetro da saúde financeira universal! Acrescentou ainda, perante a minha estupefação, que quando voltasse da minha viagem na semana seguinte, me daria

conta do respetivo resultado. Terminou, afirmando com imensa convicção que, se o negócio fosse como se temia, em acentuado decrescendo, isso iria significar que uma crise económica muito séria estaria eminente.

Lá passei uma das semanas de férias mais inesquecíveis que jamais usufruí, tendo comemorado os vinte e seis anos de casamento a bordo de um barco com uma orquestra privativa de jazz, que me fez recuar ao tempo dos romances de Mark Twain com que me tinha deliciado na minha adolescência. Ficámos alojados num muito confortável e pequeno hotel estilo colonial no bairro francês, e estacionámos o carro num espaço onde tinha existido um mosteiro centenário, do tempo da colonização dos súbditos do general Napoleão Bonaparte, cujas freiras se dedicavam à música polifónica barroca, conforme pude posteriormente apreciar num excelente registo fonográfico, gravado em CD, com músicas do compositor francófono *Henry Desmarest*, que tive a oportunidade de comprar num pequeno museu da cidade.

Quanto à viatura, só a voltámos a ver para fazermos a viagem de volta, que durou cerca de nove horas, com tempo apenas para uma curta paragem para almoçar num daqueles restaurantes típicos que existem nas imediações de todas as autoestradas do país, e para abastecer de combustível. Lá, pude então apreciar a notável recuperação que os americanos conseguiram efetuar da cidade e dos seus subúrbios, após a enorme destruição provocada, apenas dois anos antes, pelo devastador furacão “*Katrina*”.

Foi um faltar de música, de museu e de saborosa gastronomia

que jamais esquecerei, com tempo ainda para fazer jus a um ritual que considero imprescindível, que consiste numa magnífica sesta todas as tardes a seguir ao almoço, no aconchego do confortável quarto do hotel, na tentativa de me preparar para mais uma madrugada muito desgastante em termos da quantidade de atividades programadas. Esta é, sem sombra de dúvida, uma daquelas cidades onde, se for possível, hei-de certamente voltar com agrado.

Ao chegar de novo a casa da Eileen na véspera do “*thanksgiving*”, no final de mais um jantar de família, lá surgiu de novo a conversa do dito “dia nacional das compras”. Segundo o meu entendimento e visionário anfitrião, o negócio não tinha sido tão mau como se tinha inicialmente temido, mas também tinha ficado aquém dos níveis de consumo necessários e desejáveis para servir de estímulo à economia. Profetizou então, em tom algo preocupado, ainda que sereno: O “doente não vai morrer desta pneumonia”, mas vai certamente apanhar uma “valente gripe” de consequências imprevisíveis, e que seguramente se irá estender, de seguida, pelo menos, a todo o mundo dito ocidental!

Foi então, a propósito, que me lembrei de uma história que lhe contei de seguida, e que tinha ocorrido em Agosto de 2001, três semanas antes do celeberrimo e triste 11 de Setembro desse ano de má memória.

A nossa filha Joana tinha passado praticamente todo o ano a preparar a sua ida para estudar nos EUA, afirmando insistentemente que pretendia ir para a casa de uma família que vivesse no meio do deserto do Colorado. Nem mais, nem menos (na realidade,

após várias vicissitudes, acabou por ir bem mais para norte, para a zona dos Grande Lagos, no estado de Michigan). Como não a conseguíssemos demover desse exótico capricho, dissemos-lhe que iríamos fazer as férias desse ano, num país com deserto, para que ela se pudesse aclimatizar convenientemente.

Foi escolhida a Tunísia, dado que eu era a única pessoa lá de casa que nunca tinha ido ao Norte de África, mas também pelo fascínio longamente acalentado pela civilização árabe, bem como, “*a priori*”, por ser um país seguro e com boas infraestruturas turísticas. Decidimos então por um período de duas semanas, uma em digressão pelo deserto, e a segunda na Ilha de Djerba, em pleno mar Mediterrâneo, para podermos finalmente descansar, em condições, na magnífica praia. As férias foram excelentes, e permitiram inclusive o conhecimento de uma família de quatro brasileiros muito simpáticos, que viríamos alguns anos mais tarde a reencontrar em S. Paulo num muito agradável jantar, onde revivemos algumas fotografias, e lá conseguimos pôr a conversa em dia.

Na véspera da partida, fomos dar uma volta à cidade capital da ilha (*Houmt Souk*), aproveitando para fazer as últimas compras. À ida, o taxista acabou por nos deixar à porta de uma típica loja de artesanato (onde ficámos a suspeitar que este teria comissão sobre as respectivas vendas), e na qual, logicamente, tudo teve que ser bem regateado (como é da “*praxe*” naquela cultura, segundo a qual a recusa em entrar nesse jogo infernal de avaliação e reavaliação da mercadoria é sentido como desrespeitosa). Feitas as compras e terminado o

passeio pelo centro histórico da cidade, era tempo de apanhar de novo um outro táxi que nos trouxesse de volta ao hotel, a tempo do almoço e da sesta que obrigatoriamente se lhe iria seguir.

Desta vez, o condutor falava bastante melhor o francês e mostrou-se muito mais conversador e de mente aberta do que o anterior. Ao olhar para ambos os lados, contemplando as filas intermináveis de sucessivos hotéis de um lado e outro da estrada, e ao fazer um rápido exercício de memória acerca do balanço de mais uma viagem, lembrei-me súbita e espontaneamente de perguntar àquele simpático homem: Suponha que, um destes dias, algo de muito grave ocorre no mundo, do ponto de vista geopolítico, e que, por via disso, e basicamente por estar em causa a segurança das pessoas, designadamente dos turistas, como consequência, estes deixam de vir para aqui. De que é que vocês iriam viver então?

Ele, entreolhou-me de soslaio, como que se se interrogasse interiormente de onde viria afinal aquela ideia meio amalucada que ele jamais ouvira ou sequer imaginara, mas recompôs-se de imediato, ripostando-me com a mesma espontaneidade e rapidez: Olhe meu amigo, com todo o respeito pela sua esposa e filha, acho que o negócio iria de ter que rolar na mesma. Se não fosse com “*turistas normais*”, como o senhor e a sua família, seria com “*outro tipo de turistas*”. Nem que os hotéis se transformassem todos em “*c... de p...*” (prostíbulos!). O que nós necessitamos, a bem dizer, é mesmo de dinheiro para sustentar a família e pagar as despesas do dia-a-dia. Há alturas da nossa vida em que não

importa a sua proveniência, o que interessa, é que ele vá mesmo vindo!

Na realidade, passado cerca de um mês, a sinagoga da ilha, situada numa aldeia no seu interior, uma das mais antigas do mundo, onde toda a gente vivia em paz, sendo indistinguíveis os muçulmanos e os judeus ali residentes há mais de um milénio, foi parcialmente destruída por uma explosão desencadeada por um grupo islâmico extremista, matando alguns turistas alemães ali presente! E nós que a havíamos visitado também umas escassas semanas antes...

Vem pois a propósito contar uma outra história, passada três anos volvidos, quando era a vez do nosso filho João se estar a preparar para ser ele a ir para os EUA estudar por um ano, e onde iria ficar na aprazível casa da Kathy e do Tom Drooger, (descendentes de emigrantes holandeses, já também na 3ª geração), o mesmo casal onde a Joana tinha estado, e do qual nos tornámos, logicamente, muito amigos, ao ponto de ter já havido diversas viagens de mútua visita, muito mais frequentes, contudo, da nossa parte.

Ao preparar as férias desse ano, e no cumprimento de um gosto especial pela História dos Descobrimentos, que já nos levou aos cinco cantos do mundo para conhecer o enorme legado do património luso, decidimos ir à Índia, visitar Diu, Damão, Dadra, Nagar Aveli, Goa e Bombaim. Consciente do mais que certo impacto que iríamos vivenciar, sobretudo pela mais do que suposta magnitude esmagadora da miséria e da falta de higiene, lá fui procurando fazer alguma pedagogia ao longo de diversas semanas, indo ao ponto de

inventar que não existiam hotéis com categoria superior a duas estrelas, o que, estranhamente, todos acreditaram.

Avisei-os, inclusive, que o que iriam ver, seria com certeza muito mais marcante do que o que tínhamos presenciado no Haiti, país mais pobre do mundo na altura em que estivemos lá de férias, uns anos antes, acompanhados pelo irmão de um amigo e colega nosso, recentemente casado (e respetiva esposa), que era, à época, destacado membro da representação diplomática da CEE.

Nada demoveu a minha esposa e filhos, ao ponto da Joana ter alterado a programação das suas primeiras férias a sós com o recente namorado, e ter optado, quase em cima da hora, por ir também connosco. A atração irreprimível pelo mítico exotismo oriental tornou-se bem mais forte que tudo o resto!

É claro que parte do que tinha dito não era verdade, e foi possível ficar hospedado, em Goa e Bombaim, em excelentes hotéis de categoria internacional, embora nos restantes sítios, só a simpatia inegável dos locais e o impressionante património arquitetónico edificado, conseguiu esbater a frustração inerente à desorganização e às parcas condições de higiene, ao ponto de, em Damão, termos tido os quartos guardados por polícia à porta durante os três dias da estadia, por ordem expressa do gerente do hotel, para evitar a repetição de um rocambolesco episódio em que um dos funcionários foi surpreendido pela Ana a espreitar pelo buraco da fechadura para ver a Joana despir-se em frente ao espelho do seu quarto.

Tal como previra, a miséria dos milhões de cidadãos que vivem em condições infra-humanas era



absolutamente aterradora, ao ponto de termos presenciado, por diversas vezes, a disputa da sua parca ração alimentar do dia com os mais díspares animais domésticos que vagueavam sem destino certo por cima de inúmeras estrumeiras cobertas de lama, e da altura de prédios, situadas na periferia das cidades, situação que todos os cidadãos aceitam pacificamente sem sequer pestanejar, no cumprimento de uma interiorização secular de cariz cultural e místico, segundo a qual a sua condição social não pode ser jamais questionada ou alterada, sendo transmitida de geração para geração através de um desígnio intemporal, qual bênção dos deuses que tanto veneram.

A impressão da Ana, ficou para a posteridade gravada na minha memória: Dizia ela, profundamente angustiada, que quando se ia deitar e adormecia, só conseguia sonhar com pesadelos, que tinham como pano de fundo os quadros dantescos de Hieronymus Bosch. Foi assim durante três semanas a fio, noite atrás de noite. Declarou pois, com toda a convicção: “Índia, nunca mais”, sentença reconfirmada pelos nossos dois filhos com o

mesmo interiorizado e sincero sentimento.

Lembro-me, no último dia, antes de jantar, ter ido visitar os meus filhos ao quarto do hotel em Bombaim, situado no alto de um luxuoso edifício de dezenas de andares nas imediações do respetivo aeroporto internacional, para finalmente, ter uma derradeira “conversa de homem para homem” com o João, dado que ele tinha optado por viajar diretamente para os EUA, sem sequer fazer escala em Portugal. Entrei no seu quarto e abeiirei-me, espontaneamente, da janela. O “espetáculo” da imensidão das barracas circundantes, vista ao lusco-fusco do pôr do sol lá do alto, não poderia ter sido mais impressionante: O contraste abjeto, ali mesmo aos meus pés, entre os “ricos” e os “miseráveis” da sociedade não necessitava de mais palavras para se expressar na sua mais crua plenitude. Falou por si mesmo. Corri então a cortina para ocultar o intolerável, e lá conversei serenamente com o João.

Ao chegar ao nosso quarto, declarei à Ana: Acabei de chegar agora mesmo à incómoda conclusão que não educámos os

nossos filhos como o deveríamos ter feito. Não os preparámos para o mundo que aí vem. É um tempo em que cada vez irá haver mais cidadãos por esse mundo fora a “pensar com o estômago”, e a fome nunca foi ou será boa conselheira. Os nossos filhos deixarão de viajar connosco para o estrangeiro a partir de hoje. Só o voltarão a fazer, quando (e se...) tiverem autonomia financeira própria para tal. Têm que saber o que a vida realmente custa. Perante aquilo que poderemos observar através desta janela cuja cortina acabei de correr, para não ficarmos mais impressionados, é absolutamente imoral alguém vir a queixar-se das condições dos modestos hotéis de três estrelas! Em suma, um mundo cada vez mais canibalizado pela desumanização crescente, uma crise económica à escala mundial que teve origem na hedionda especulação financeira, e a impossibilidade de promover uma distribuição decente da riqueza pelos povos das diversas nações do planeta, se estas estiverem maioritariamente dependentes da mirífica vinda de endinheirados turistas estrangeiros, e sem uma saudável capacidade de procura interna. Muitas viagens, algumas histórias, mas apenas uma mesma conclusão: Enquanto o mundo for governado pelos ditames profundamente egoístas dos inúmeros e abjetos agiotas sem identidade ou pátria certa, nunca a humanidade poderá propiciar a cada um dos seus cidadãos uma existência com o mínimo de dignidade. Para além de uma inegável crise de cariz económico-financeiro à escala mundial, o que subjaz é, na sua essência, uma crise de identidade e de valores que importa ter sempre presente,

e que enquanto não for resolvida, jamais poderá haver paz ou felicidade sobre a Terra.

São exemplo ilustrativo disso, os produtos financeiros em que os investidores ganham dinheiro com a desvalorização das ações da bolsa de valores, os juros negativos que se cobram nos empréstimos bancários aos países mais ricos, enquanto aos mais carenciados, é ultrapassada largamente capacidade de honrar a sua liquidação no prazo de muitas gerações, etc.

Esta é precisamente a mensagem de três grandes filmes que dão pelo nome de “Wall Street I e II” (Oliver Stone, 1987 e 2008) e “Feios Porcos e Maus” (Ettore Scola, 1976), que todos os políticos e demais cidadãos deveriam ver, para meditar bem nas suas portentosas mensagens.

Num jantar que recentemente ocorreu, promovido pela Liga dos Amigos do Hospital de S. Bernardo em Setúbal, para comemorar os seus 25 anos, e no qual tive a oportunidade de poder participar, foi-me dado o privilégio de partilhar a mesa de honra com o Bispo resignatário de Setúbal, D. Manuel Martins, cognominado com muita honra, como ele próprio fez questão de referir na sua breve alocução, de “Bispo Vermelho”. Da conversa muito agradável que tivemos durante o repasto, assumiu-se como um verdadeiro discípulo do não menos venerando ex-Bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, do qual recordou uma das suas célebres máximas: “perante os Homens, sempre de pé!”. Parafrazeando pois, “perante os agiotas, sempre de frente!”.

Para compreender o carácter cíclico das crises, nada melhor do que repescar alguns textos de antanho que continuam

a exhibir uma impressionante atualidade, de que o seguinte excerto é um dos seus exemplos mais eloquentes, na altura magistralmente representado pictoricamente pela pena do genial Rafael Bordalo Pinheiro: “... esta situação é terrível e tanto mais que ela exige para não se agravar, de sacrifícios com que o País não pode e que de mais não deve fazer ... ” (sic.) (in “Jornal a Lanterna”, 1870). Convém, pois, não esquecer que um empréstimo internacionalmente contraído pelo nosso país nessa altura, só há cerca de dois anos foi liquidado!

E quanto àquele que contraímos no ano passado, como será?

A asfixia inexorável a que a classe média está a ser votada, e a liquidação progressiva do dito Estado Social, segundo os ditames da cartilha dos “Srs. donos do mundo”, só trarão infelicidade e desespero, nunca compreensão e tranquilidade! É que o fosso, entre ricos e pobres, não tem parado de aumentar, pelo que os nossos governantes nunca deveriam falar que promovem este tipo de políticas em nome da Justiça Social, porque, na realidade, o que dá a sensação é que, ao invés, verdadeiramente a abominam de todo. (continua na próxima edição da ROM)